



O ACORDO DA DÍVIDA

Acompanhe o que aconteceu nesta semana em relação à dívida externa e confira algumas conclusões:

Fernando Henrique saiu do Brasil aparentando confiança não só na obtenção de um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), mas, também, na emissão especial de bônus do Tesouro dos Estados Unidos (**zero coupon bonds**).

Essa emissão de títulos deveria servir de garantia para a parte da nova dívida com os bancos que substituiria a dívida velha. Para fechar o acordo, os bancos exigiram acerto prévio com o FMI, ou seja, exigiram que o Fundo, como auditor, garantisse que a economia brasileira está no bom caminho, fato que permitiria o pagamento futuro da parte da dívida não lastreada pelos títulos. Para emitir esses títulos, o Tesouro dos Estados Unidos também exigia acordo prévio com o Fundo.

Ao chegar a Washington, Fernando Henrique foi gentilmente recebido pelo gerente-geral do FMI, Michel Candessus, mas, ao contrário do que tinha divulgado anteriormente no Brasil, encontrou portas fechadas para um acordo já. O Fundo fez questão da carta de intenções e da fixação de metas trimestrais claras para a economia. O ministro não podia oferecer essa carta de intenções, porque não pode exibir nem um orçamento nem sabe quando a nova moeda será implantada.

O subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos, Larry Summers, também foi muito gentil, mas, em nota oficial, deixou claro que a emissão de títulos ficaria apenas para quando saísse o acordo com o FMI. Estranho foi o fato de que o teor da nota oficial emitida pela Secretaria do Tesouro contradisse o que o ministro esperava e tinha manifestado logo após seu encontro com Summers.

Mas Fernando Henrique não



está voltando de mãos vazias. Mesmo sem o acerto com o Fundo e sem os bônus do Tesouro, conseguiu o acordo da dívida externa com os bancos. Eles dispensaram a exigência do acordo prévio com o FMI e o governo brasileiro, em contrapartida, oferecerá como garantia títulos comprados no mercado financeiro internacional.

De todo o episódio dá para tirar algumas conclusões:

▲ Tanto o encontro com o FMI como o realizado com o subsecretário do Tesouro norte-americano pareceram mal planejados. Além de trazerem desfecho diferente do antecipado pela assessoria de Fernando Henrique, podem submeter o ministro a desgaste político.

▲ A aquisição de títulos com reservas próprias, já realizada ou ainda a realizar, demonstra que a economia brasileira não é mais tão dependente do FMI. Isso, no entanto, não significa que pode dispensar a "interferência" externa, porque esta continua sendo indispensável para desfrutar outras vantagens do Plano Brady, que facilita a renegociação da dívida externa.

▲ Se já há algumas sérias incertezas em relação ao plano, as negativas do FMI parecem acrescentar outras. Isso pode trazer algum efeito psicológico adverso para o plano.

▲ A impossibilidade de fechar um acordo com o FMI pode indicar que na própria equipe econômica subsistem sérias dúvidas quanto à fase 3, especialmente na questão do lastro do real e de sua convertibilidade.